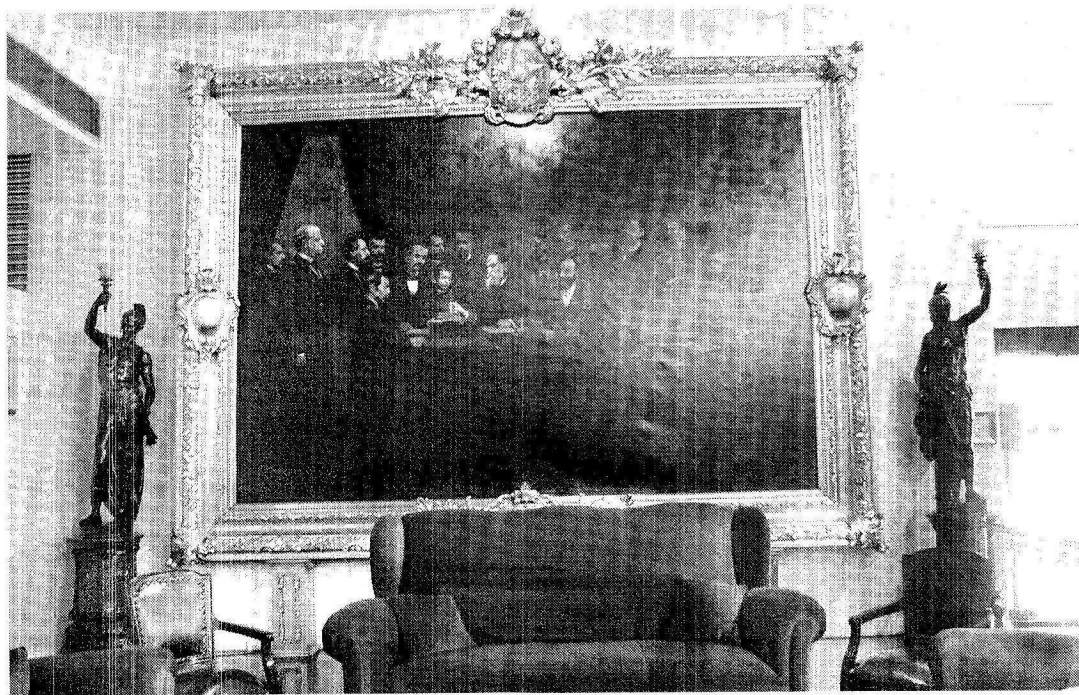




Assinatura da Constituição, de Gustavo Dalare, é a obra mais cara do Senado: US\$ 500 mil



A Santa Ceia, do brasileiro Zavallo, ornamenta a parede da Presidência do Senado

Obras de arte em meio ao poder

Acervo do Congresso vale US\$ 2 milhões: quadros de Di, Tarsila e Debret dividem espaço com 'autênticos' José Sarney

BERNARDO SCARTEZINI

BRASÍLIA – Nunca a sala de assessoria de imprensa da Presidência do Senado foi tão chique quanto na breve gestão de Jader Barbalho. O ambiente foi enriquecido por uma tela do pintor e paisagista Roberto Burle Marx, avaliada em US\$ 130 mil. O quadro repousava pendurado atrás da mesa do presidente, inerte há um punhado de legislaturas. Ao assumir o cargo, Jader tratou de eliminar qualquer vestígio do antigo ocupante da sala, o desafeto Antonio Carlos Magalhães. Burle Marx entrou no pacote, prontamente despachado para a sala mais próxima. Foi preciso o senador Ramez Tebet (PMDB) assumir para reconduzir Marx ao poder.

Católico fervoroso, Jader não se sentiu incomodado com um painel ocupando a parede inteira de seu antigo gabinete, na Ala Afonso Arinos, Anexo II do Senado. Permanece por lá a Santa Ceia pintada pelo criador brasileiro Zavallo. Na tela, a cena tradicional tem uma leitura diferente, com as figuras compostas em traços retos e pintadas em laranja e amarelo. No gabinete vazio, à espera do suplente, Jesus Cristo e apóstolos moderninhos têm a companhia de três comportadas imagens da Virgem Maria, deixadas para trás, perto de uma caixa de Kleenex aberta sobre a mesa.

A Santa Ceia, entretanto, ameaça desmoronar. O ambiente do antigo centro do poder fez mal à pintura, avaliada em US\$ 50 mil. O quadro apresenta rachaduras por todos os lados – aquilo que especialistas chamam de craquelê, mas tem conserto – porém, o erário precisa bancar a restauração, estimada em US\$ 5 mil.

Acervo – Foi o funcionário público Paulo Afonso Lustosa de Oliveira, diretor da Secretaria de Informação e Documentação do Senado Federal, quem diagnosticou as rachaduras. Lustosa tem a tarefa de catalogar e zelar pelas 370 peças que formam o acervo artístico do Senado. Entre tapeçarias, gravuras e afins, destaque para 80 pinturas a óleo, como as de Burle Marx e Zavallo, artista que se notabili-



O senador Ney Suassuna tem dotes artísticos: ele quer doar suas obras-primas para o acervo do Congresso

zou pelas seguidas doações ao Senado. Fora Debret, Djanira, Rebolo, Aldemir Martins, Portinari, entre outros.

Segundo Lustosa, são US\$ 2 milhões em obras de arte. Tudo fruto de gesto prodígio dos artistas ou da ida às compras de algum presidente com especial pendor pelas artes plásticas. Petrólio Portella, nos anos 70, foi o presidente que mais se notabilizou nessas compras. Era cliente assíduo da Galeria Oscar Seraphico, a mais badalada do Distrito Federal à época. Os antigos arquivos já perderam a conta de quanto foi gasto na gestão de Portella. Os papéis e registros desapareceram em algum ponto da década de 80.

Para financiar as artes, Portella contava com uma parcela generosa do orçamento do Senado. Dinheiro que não entra mais. Há uma década na Secretaria de Informação e Documentação, Paulo Lustosa não se lembra de nenhum negócio no mundo das artes nesse período. A torneira fechou. Exemplo: ano passado foi ne-

gada verba para a compra das plantas originais e de um lote de móveis e azulejos do Palácio Monroe, antiga sede do legislativo brasileiro, quando o Rio de Janeiro ainda era a capital da República. O lote foi oferecido por R\$ 150 mil.

Escondidos – Os quadros do acervo, em boa parte, hoje permanecem trancados em gabinetes do Congresso Nacional ou em mansões do Lago Sul. Por exemplo, a residência oficial do Presidente do Senado, na Península dos Ministros, para onde Tebet se mudou semana passada, guarda obras de Di Cavalcanti, Carlos Scliar e Sérgio Teles, além de um autêntico... José Sarney.

Para os cidadãos comuns apreciarem ao menos de longe esse acervo, a Secretaria de Informação e Documentação promete um livro, com versão online, dando conta das preciosidades. Para breve, promete. “As trocas na Presidência do Senado atrasaram o projeto”, lamenta Lustosa.

Senador com esforçados arroubos es-

téticos, o falecido Guido Mondin eternizou-se no acervo. O artista doou parcela de sua obra ao Legislativo. Inclusive o retrato de um padre franciscano, outra vítima de Jader Barbalho. O quadro foi enxotado por um assessor do ex-presidente, sentindo-se “vigiado” pelo religioso.

Herança – O senador Lúcio Alcântara (PSDB-CE), no entanto, convive em paz com a arte de Mondin. No gabinete, o quadro de uma família de retirantes, tipo *Vidas Secas*, herdado do antigo inquilino, o piauiense Lucídio Portela. “Sei pouco de Mondin como parlamentar, mas sua pintura me emociona”, confessa Alcântara. Na parede ao lado, o clímax do anfitrião, numa foto ao lado de FHC, quando o presidente sancionava a Lei de Doação de Órgãos.

Outro parlamentar com veia artística é Ney Suassuna (PMDB-PB). Paraibano e rubro-negro, pintou uma versão estilizada da bandeira de seu estado, para decorar o gabinete. “O ‘nego’ de nossa bandeira ver-

melha e preta é quase um ‘mengô’”, orgulha-se. Colecionador de obras de Manabu Mabe, Suassuna pintou série de auto-retratos: Suassuna no Congresso, Suassuna à tribuna, Suassuna entre seus pares.

Ainda não teve a chance de doar obras ao Senado, mas sabe direitinho qual o quadro mais valioso da Casa: “A Assinatura da Constituição”, chiaroscuro de 1891, pintado por Gustavo Dalare e protagonizado pelo trio Floriano Peixoto, Deodoro da Fonseca e Rui Barbosa. São US\$ 500 mil à mostra no Museu do Senado.

Niemeyer – Do outro lado do Parlamento, no Salão Verde da Câmara, deputados e lobistas esbarram em painel de Di Cavalcanti, esculturas de Ceschiatti, André Bloch e Adriana Peretti e azulejos de Athos Bulcão. Visitantes tentam se acomodar em poltronas projetadas por Oscar Niemeyer – nada confortáveis, deixam colunas em pandarecos.

Assim, o trabalho de Carlos Henrique Porto Filho é tentar dar ordem ao caos. Na qualidade de diretor da Coordenação de Preservação de Bens Culturais do Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados, cabe a ele relacionar os bens culturais da instituição. Acaba vencido pela burocracia. “O inventário do patrimônio lista esculturas assim como mesas e cadeiras. E o inventário museológico está incompleto.” Tão incompleto que a Câmara não sabe informar quantos quadros possui, nem quanto vale seu acervo.

Quem visita o ambiente de trabalho dos nossos deputados também pode prestigiar as exposições temporárias do Espaço Cultural Zumbi dos Palmares. No momento, rola uma coletiva de Eusanete Sant’Anna, Gilda Teixeira, Inez Campos e Viviane Rocha. Quem? “Essas mostras não têm o menor critério”, detona o próprio Carlos Henrique, em seu escritório no subsolo da Biblioteca da Câmara, alegando que a agenda foge de seu controle. O certo é que cada artista que passa por ali deve doar à Câmara dos Deputados um de seus trabalhos. Athos Bulcão e Di Cavalcanti sempre terão companhia.